

METÁFORAS TERAPÊUTICAS: SERIA JESUS UM CONTADOR DE HISTÓRIAS TERAPÊUTICAS?

Therapeutic Metaphors: Would Jesus have been a therapeutic storyteller?

*Margarida Macedo**

Resumo:

O presente trabalho incide na investigação, mediante análise exemplificativa de duas Parábolas de Jesus, da qualidade terapêutica da estrutura de comunicação nelas efectiva. Esclarece-se primeiramente a estrutura operativa da Metáfora nos processos de mudança de comportamento, aprendizagem, valores, identidade e conexão, tendo por base o processo neurológico de activação e associação de redes neuronais complexamente interligadas por linguagem e pensamento. Pretende-se realçar o discurso metafórico de Jesus como elemento integrante da sua intervenção sanadora, retirando-o, assim, de uma dimensão meramente instrutiva. A Parábola, como discurso Metafórico é questionada de modo a revelar a intenção e capacidade de Jesus para ampliar a vivência humana naqueles que aceitam a sua abordagem. Esta aliança implica mudanças neurológicas, comportamentais, de aprendizagem, valorativas, e identitárias, tal como é desejável por qualquer terapeuta.

Palavras-chave: Metáfora, Parábola, Jesus, PNL, Metanoia

Abstract:

The present work focuses on the investigation, through analysis, exemplified by two Parables of Jesus, of the therapeutic quality of the effective communication structure in them. Firstly, the operative structure of the Metaphor in the processes of behavior change, learning, values, identity and connection is clarified, based on the neurological process of activation and association of neuronal networks complexly interconnected by language and thought. It is intended to highlight the metaphorical discourse of Jesus as an integral element of his healing intervention, thus removing it from a merely instructive dimension. The Parable, as a Metaphorical discourse, is questioned in order to reveal Jesus' intention and ability to expand human experience in those who accept his approach. This alliance implies neurological, behavioral, learning, evaluative, and identity changes, as it is desirable for any therapist.

Keywords: Metaphor, Parable, Jesus, NLP, Metanoia

* Licenciada em Filosofia, Master em Sofrologia Caycediana, Master em PNL, Assistente de formação PNL, Sofróloga, Grafóloga e Coach.

Introdução

A Metáfora aparece como fenómeno linguístico na sua forma mais imediata. Uma palavra, uma frase, ou um discurso podem ser as formulações linguísticas investidas dessa função metafórica. O próprio termo Meta-Fora tem origem em dois termos gregos: “meta” – através de, e “fora” de “forein” – transportar. Literalmente, significa “através de transporte”

Logo, o conteúdo da comunicação passa a ser transportado por outro veículo, isto é, outra palavra, frase ou discurso, que se tornam para tal, significantes e acessíveis ao receptor como contentores de significado. Nesta ‘passagem de testemunho’ o processo de recepção da mensagem segue um percurso menos óbvio mas potencialmente mais efectivo, eficiente e rico. A nova palavra, frase ou discurso tendo a sua própria rede semântica de origem, vem entretecer amplidão no processo de compreensão de significado ou de múltiplos significados. Exemplos:

- *“Estar nas suas sete quintas”.*
- *“Pôr as mãos no lume por alguém”.*
- *“Grão a grão enche a galinha o papo”.*

Na sua aplicação terapêutica, a Metáfora tem a especial capacidade de conduzir às mudanças desejadas, evitando um termo evitado pelo cliente, mas seguindo uma linha de similitude com a situação vivida que opera novas conexões de sentido e novas escolhas.

Como em todo o fenómeno humano, também a metáfora pode ser considerada em várias dimensões: fisiologia; comunicação; descoberta e aprendizagem (que pode reflectir-se sobre o mundo exterior ou mesmo como mudança identitária); valores; reconhecimento de conexão.

Abordagem fisiológica

Começamos por esclarecer alguns aspectos da componente fisiológica e logo encontraremos aí alguns aspectos marcantes da sua estrutura.

Os estudos do neo-córtex, zona da área do córtex cerebral que se estruturou mais recentemente no processo de evolução do Homo Sapiens, têm vindo a investigar e mapear as redes das sinapses. As células nervosas estabelecem entre si uma organização espacial adquirida pela repetição e prevalência de trajectos electromagnéticos ao longo dos neurónios, em relação a comportamentos repetidos como auxiliares à manutenção e desenvolvimento de vida. As sinapses são a zona intercelular onde se dão os fenómenos electroquímicos de passagem do estímulo de um para outro neurónio.

Este neo-córtex organiza-se em padrões codificados para determinadas reacções fisiológicas e comportamentais constantes em relação a eventos com similitude entre si. Estas reacções fisiológicas asseguram respostas adaptativas inteligentes, isto é, garantem a sobrevivência e a aprendizagem com a flexibilidade que é uma componente dada pela integração dos eventos com estímulos associados em similitude.

É também por este motivo que se explica que um acto perceptivo nunca é a cópia do estímulo que afecta o nosso sistema nervoso.

Assim sendo, esta capacidade de associação neuronal com flexibilidade, e a sua eventual reorganização, significa sensibilidade e reconhecimento de diversos contextos que, por si, levam ao desenvolvimento das aptidões cerebrais e sua adaptação aos referidos contextos.

A Metáfora vem introduzir maior riqueza de associação neuronal às redes anteriormente padronizadas. Tendo, por exemplo, duas trajectórias neuronais, organizadas para contextos diferentes, mas com similitudes em alguma das suas características estruturais, o mesmo estímulo deve poder activar as duas redes havendo sincronidade de padrão (que não significa completa identidade de padrão), mesmo em diferentes áreas do córtex, sendo o tempo síncrono.

Exemplo de dois eventos síncronos em espaços diferentes:

- barra luminosa desloca-se em certa direcção e activa rede neuronal a) com certo ritmo;

- emissão sonora desloca-se na mesma direcção e activa rede neuronal b) com o mesmo ritmo.

Depois, numa segunda fase, esse estímulo que as ligou, a barra luminosa, reentra e deve poder activar as duas áreas a) e b) , mesmo com actividade não-síncrona:

- barra luminosa desloca-se na direcção oposta e com o mesmo ritmo, e activa área b) assim como essa mesma área a) com actividade não síncrona.

É esta a base e estrutura neuronal de suporte para a criação de metáforas. A Metáfora tem a capacidade de activar novos trajectos espaciais das sinapses, reorganizando adaptativamente, pela flexibilidade e sincronicidade, o conjunto da rede neuronal de forma estável. Como disse Donald Hebb em 1945 – “neurónios que disparam juntos, ficam ligados”¹.

Através de Metáforas essas duas sequências neuronais interagem com a reentrada do estímulo que representa uma ligação abstracta entre duas representações mentais. Trata-se de uma ligação que não é sensorial, mas sim representada na mente através de alguma forma de diálogo interior, isto é, por linguagem e pensamento lógico. Segundo Mark Furman e Maryann Reese esta ligação abstracta através da Metáfora é uma ligação de “ordem mais elevada” que dá acesso ao sentimento de surpresa e descoberta de significados.

Essa ligação construída já não é só percepção, é também acção. E o cérebro passa a reagir às duas imagens ou noções prévias, uma pela outra, ou uma com a outra e reorienta, juntamente com essa ligação, o comportamento, isto é, dá novas escolhas para a acção.

As condições neuronais para a Metáfora ser o mais possível efectiva são basicamente duas: a rede que captura esta ligação após vibração das sinapses

¹ A frase ‘neurons that fire together, wire together’ é uma síntese do Postulado neurofisiológico de Donald Hebb (1904-1985): “When an axon of cell A is near enough to excite cell B and repeatedly or persistently takes part in firing it, some growth process or metabolic change takes place in one or both cells such that A's efficiency, as one of the cells firing B, is increased” (Hebb, pág.62 “The Organization of Behavior” 1949, New York JOHN WILEY if SONS, Inc. London CHAPMAN i HALL, Limited).

(também chamada rede atractora) deve ser profunda e estável; e esta rede atractora deve ter ligação a respostas emocionais.

Bem sabemos que o córtex sempre encontra sentido mesmo num paradoxo, contudo, é favorável considerar as condições acima indicadas.

Estas condições facilitam-se com o uso adequado de comunicação que induza o estado Down Time², diminuindo a activação do córtex e afrouxando também assim as combinações anteriores. Essa capacidade encontra-se na modelagem da Linguagem de Milton³ efectuada pela PNL⁴.

Metáfora e Visão do Mundo

Contudo, passando da base fisiológica para o nível dos valores e crenças, ou da identidade, será bom ter presente que a efectividade da metáfora se encontra ainda apoiada numa terceira condição que se resume nesta directiva usada pela PNL:

- “Vá ter com o cliente ao seu modelo do mundo”.

Trata-se, portanto, de considerar no processo comunicativo o conjunto das perspectivas acerca da realidade que o interlocutor adopta, realidade objectiva e a sua realidade própria. Estas perspectivas não são meras descrições. Toda a visão do mundo é inseparável dos valores orientadores e crenças associadas a esses valores. Encontramos também a este nível a existência de uma rede neuronal estável e profunda; igualmente ligada, desde a sua formação, a respostas emocionais. Já António Damásio⁵ sugeriu que a capacidade de evocar imagens de um evento, sejam elas visuais ou auditivas, quando em

² O termo ‘Down-Time’ referencia em PNL um estado ligeiro de transe em que a atenção se foca no mundo interior, facilitando pesquisa transderivacional e receptividade à mudança.

³ Linguagem de Milton refere-se a um conjunto de padrões de linguagem que facilitam o contacto, pelo paciente, com recursos pessoais que se encontram em níveis inconscientes e, simultaneamente, com um pensamento mais abrangente. Milton Erickson (1901-1980), foi psiquiatra hipnoterapeuta, cuja intervenção se baseava no uso de linguagem vaga, descrita e padronizada por Richard Bandler e John Grinder no livro “Patterns of the Hypnotic Techniques of Milton H. Erickson” 1997, editado por Grinder & Associates.

⁴ PNL – Programação Neuro-Linguística, metodologia de compreensão da estrutura do funcionamento da mente, com vista à gestão optimizada do estado interior e da linguagem inter-pessoal e consigo próprio.

⁵ António Damásio “O Sentimento de Si”, ed. Publicações Europa-América, pág. 322.

associação ao Sentimento que no próprio evento se registou, é a base das escolhas, das tomadas de decisão.

Recapitulando, uma Metáfora eficiente na mudança de comportamentos e escolhas, terá:

1 – uso de novos termos que evoquem representações ou imagens ressonantes com sincronismo no espaço significativo do termo evitado:

- a) o termo “evitado” será a referência explícita ao comportamento a mudar;
- b) a evocação surge pela pesquisa transderivacional que implica percorrer várias redes de sentido no nosso modelo do mundo, em busca de resolução do paradoxo - que significa isto? Ou para elaboração do paradoxo - que poderá ser evocado por este significado?

2 – uso de linguagem de Milton para aceder a camadas profundas de informação;

3 – uso de meios de gestão/orientação do impacto emocional podendo introduzir-se, por exemplo, o recurso às Categorias de Satir⁶ no processo de comunicação da metáfora.

Podem considerar-se as seguintes vantagens do uso terapêutico de metáforas: baixar as barreiras, vencer resistências e captar a atenção; fazer Rapport⁷; sair do campo do problema e do drama; activar a criatividade e alargar o campo das possibilidades; introduzir novos recursos ou activar os existentes; abrir ou enriquecer o modelo do mundo.

⁶ Categorias de Satir - Virginia Satir (1916-1988), enquanto eficiente terapeuta familiar, identificou cinco estilos de comunicação inter-pessoal – Blaming, Placating, Computer, Distracting, Leveling. David Molden and Pat Hutchinson modelaram estas Categorias dentro da metodologia da PNL.

⁷ Rapport consiste, em PNL, num estado de reconhecimento mútuo, de confiança e conexão produtiva em relações inter-pessoais, obtido pela aplicação ética de técnicas de facilitação.

Jesus e as Metáforas

Jesus recorre a metáforas prolongadas em que o processo metafórico se desenvolve de forma narrativa. É isso que nos permite afirmar que Jesus foi um contador de histórias.

As Parábolas são geralmente vistas como ensinamentos respeitantes ao anúncio e identificação do Reino: abundância, perdão, amor, salvação. Nesta linha de interpretação tem-se assumido a escolha da comunicação metafórica como um modo de disponibilizar a compreensão e memorização mais alargada de ensinamentos, que podiam ser demasiado abstractos e distantes para a mentalidade dos contemporâneos de Jesus.

Ora, Jesus é também visto como um fazedor de ‘coisas maravilhosas’, de ‘actos de poder’. Os milagres de Jesus são identificados usualmente às curas de doença física e mental ou ao reverter da passagem entre a vida e a morte, como sinais do Reino de Deus.

As Parábolas de Jesus têm sido muitas vezes interpretadas como ensinamentos na forma de histórias alegóricas que levam ao arrependimento e apontam o caminho. Contudo, desde o séc. XVII iniciou-se uma outra abordagem não alegórica, crítica e histórica, que actualmente corresponde a uma forte corrente de exegese do Novo Testamento. Esta abordagem retira a Parábola do campo alegórico, abrindo para a compreensão da sua multiplicidade de leituras possíveis, assim como para uma comunicação que não se limita a responder a uma única questão pré-definida. Contudo, persiste-se neste enquadramento dual – as Parábolas trazem ensinamentos sobre o Reino transmitindo uma mensagem complexa de sabedoria existencial, quer a nível moral, quer espiritual. ‘Actos de poder’ ou ‘sinais’ do Reino, trazem cura física ou mental e podem resgatar a vida humana que se aproxime do espaço da morte.

Daqui poderiam surgir uma espécie de duas especializações nas intervenções de Jesus, como pregador e como curador. Deste modo, o milagre

e a cura ficariam adstritos ao Jesus que manifesta os sinais do Reino através de actos de poder; a proclamação do Reino de Deus como discurso, pelo ensino moral e espiritual, estaria presente no Jesus contador de histórias.

Mas se não forem assim tão distintos estes dois ângulos da actuação de Jesus? Se as Parábolas de Jesus fossem mais do que desafios a mentalidades normativas ou a dicotomias artificiais? Se fossem mais do que algo da esfera formativa ou informativa, mais do que um “dar que pensar”, ou um “abandar consciências”?

E se as Parábolas trouxessem também já em si, no seu estilo linguístico, uma intervenção terapêutica a actuar sobre indivíduos concretos e sobre grupos a que se dirige directamente? Uma intervenção em que, para além do conteúdo transmitido se possa identificar uma estrutura de linguagem a actuar como actuam as metáforas terapêuticas? Entenda-se: actuação com mudança de fisiologia, de comportamentos, capacidades, valores, escolhas, identidade com reflexo na conexão aos outros e, por que não, com o divino.

Assim sendo, o grande contador de histórias que Jesus foi, como um perspicaz psicólogo, identificava, sobre o momento, a situação do interlocutor e o acesso a uma mudança libertadora específica de acordo com a situação concreta existencial. E assim sendo, o que teremos a aprender com Jesus?

Ou ainda: da componente terapêutica que podemos reconhecer em Jesus, que paralelos se encontram com as abordagens da PNL?

A nossa tese é esta: contar histórias com comparações e metáforas que seguem algum isomorfismo com a situação vivida, equivale a efectuar a cura através de diálogo estruturado. Em PNL a intervenção terapêutica define-se como a passagem do Estado Actual⁸ ao Estado Desejado⁹. A intervenção de comunicação de Jesus operaria, sobre o momento, esse efeito curativo, em que aquilo que os sujeitos desejam para equilíbrio da sua vida, mesmo sem o

⁸ Estado Actual (EA) é o conceito que referencia a vivência do sujeito no momento crítico, num conjunto complexo de componentes fisiológicas, emocionais, perceptivas, cognitivas, culturais, etc.

⁹ Estado Desejado (ED) é o conceito que referencia um estado prefigurado e pre-sentido pelo sujeito, como vivência desejável de bem-estar e congruência.

saberem explicitamente, surge e efectiva-se. Numa primeira abordagem linguística ao tema, sublinho o conceito de metanóia: μετα (a seguir a) e νοεω (pensamento, reflexão, modo de ver). Metanóia, a mudança de pensamento ou de mentalidade, é processo necessário à cura, no qual podem surgir descobertas sobre a identidade, novas escalas de valores, eles mesmos constelados em torno de novas crenças. Com este conceito pretendo sublinhar o apelo de Jesus à ‘metanóia’, termo geralmente traduzido como ‘conversão’. Este apelo sugere a relevância dada por Jesus a uma mudança que abarque e articule modelos de pensamento e de comportamento

Admito as outras dimensões na intervenção comunicativa de Jesus, que continuam a interpelar-nos com um valor universal, mas irei cingir-me aos textos e ao que neles se pode identificar através desta abordagem particular.

Tendo este trabalho sido inicialmente preparado com a intenção de constituir uma das etapas de avaliação para certificação no grau Master PNL¹⁰, esta é a abordagem escolhida e aqui valorizada como heurística.

De modo a sustentar a minha hipótese, passarei a apresentar duas Parábolas de Jesus tal como se encontram no Evangelho de Lucas. Para cada uma delas estabelecerei uma leitura tal como se estivessemos perante relatórios de acompanhamento de um cliente com ‘coach’ apoiado em PNL. Mais propriamente, serão esboços de relatórios, em que, através da descrição do processo a que temos acesso através da passagem bíblica, posso deduzir como que apontamentos prévios sobre a Anamnese, o Estado Actual e o Estado Desejado. Para além destes tópicos relevantes, e presumivelmente iniciais, identifico em ambas: as linhas metafóricas e suas ligações emocionais, o recurso a Linguagem de Milton e a Categorias de Satir.

¹⁰ Grau Master em PNL – o nível Master corresponde na formação em Programação Neuro-Linguística à integração aprofundada das várias perspectivas do método e de técnicas mais complexas da PNL, com desenvolvimento da capacidade de criar e modelar novas abordagens de intervenção.

É conveniente que o leitor acompanhe as passagens seguintes tendo perante si, abertos, os textos das Parábolas indicadas.

A primeira Parábola surge em Lucas 7: 36-50.

Prefiro nomeá-la como Metáfora dos dois Devedores, e retiro desta referência a identificação mais usual que diz ser este episódio o da “mulher arrependida”, para não criar equívocos acerca do que nos interessa. Os interlocutores aqui envolvidos e os seus contextos são:

1. Simão. Tinha sido leproso/excluído; como Fariseu era escrupuloso no cumprimento dos pagamentos dos dízimos ao Templo; muito conhecedor da Tradição e, portanto, pessoa minuciosa nos cuidados relativos à manutenção de Pureza Ritual. Sendo Fariseu era preocupado com a imagem que projectava no povo para manter a admiração, por rectidão exemplar, no seu grupo social. Desejava renovar a interpretação dos textos sagrados e esperava vivamente o Messias. Queria aprender mais de Jesus, possível Profeta. Organizava refeições comuns como modo de reunir os seus pares e companheiros com os mesmos objectivos.

Estado Actual (EA): julgamento crítico de Jesus – intransigência com as regras de Pureza – medo da contaminação ou impureza ritual – ser crítico como forma de ser religioso – intransigência com incumprimento de dívidas – rejeição da mulher.

Emoção: Medo em relação a Estigma social e Contaminação/Exclusão.

Estado Desejado (ED): amar e ser amado. Jesus representa-o metaforicamente pelo personagem devedor de 50 denários.

Núcleo emocional da metáfora:

Sendo fundamentalmente o valor do dinheiro, associava-se a ficar bem com Deus, ajustando questões de dinheiro. A nível mais profundo, este núcleo surge associado a ser mais amado.

2. Mulher. É uma mulher que não estava a acertar na vida/desviada (atendendo em rigor ao campo semântico do termo grego¹¹, apesar de ser traduzido geralmente como “pecar”); não nos é dito qual o mandamento ou regra de vida que a mulher não estava a aplicar, como se estivesse implícito que ela não estava a acertar na sua vida/papel de mulher; mulher que poderia já ter iniciado o seu processo de reconciliação através de um encontro anterior com Jesus.

EA: espontaneidade; auto-confiança; auto-aceitação; aceitação do erotismo; gratidão.

ED: reforçar o estado de paz interior em diferentes contextos sociais, mesmo na presença de homens; ficar bem com a sua consciência. Jesus representa-a metaforicamente pelo Devedor de 500 denários.

3. A dimensão de “Crítico Interior”/Deus – representada metaforicamente pelo Prestamista.

123

Núcleo emocional da metáfora:

- dívida e perdão (a força emocional desta ligação entre dívida e perdão pende da consequência penal da dívida não saldada – confisco de bens, prisão ou trabalho escravo que podia abranger familiares para além do próprio).
- dicotomia homens/mulheres – formalismo e repreensão ; igualdade
- amor

4. Categorias de Satir. As Categorias de Satir acompanham a modulação emocional:

- Simão começa como Blamer¹² – a mulher não acerta (é pecadora);
- Jesus não é profeta

¹¹ Trata-se do termo *αμαρτωλος* que provem do verbo *αμαρτανω* que tem como significados “não acertar”, “não alcançar”, “desviar-se”.

¹² Blaming – estilo de comunicação acusatória, que aponta falhas e culpabiliza os outros. A dureza é uma máscara de solidão. Os conflitos são usualmente iniciados por esta categoria de comunicação.

Jesus passa para Placater¹³ – a comunicação inclui como pressuposto: vou fazer algo que desejas; queres ouvir uma história?; ou ainda: –“Julgaste bem!” Finaliza depois com Leveler¹⁴ – “Vês esta mulher?”; e principalmente na descrição comparativa das situações dos dois personagens.

5. Efeito em Simão. Passar da situação de Dívida, que corresponde a dever dinheiro - ter errado para situação de Não ter Dívida - ser perdoado do erro. Simão é levado a sentir que preferiria ser perdoado de dívida maior, quando afinal se tem esforçado por dever pouco, só podendo ser perdoado de um pequeno montante.

Dever muito dinheiro e ser perdoado ama mais

Dever pouco dinheiro e ser perdoado ama menos

A partir do momento em que dá a resposta correcta para a questão da metáfora, Simão vai ter de reconsiderar valores e objectivos que tem colocado na sua vida – se concorda com a linha de pensamento sobre o dinheiro, concorda quanto ao que se depreende quanto ao amor. Simão percebe que o que ele queria, nesta equação, era Amar mais!

Jesus introduz aqui uma curiosa forma de “desorientação temporal” própria do padrão de Linguagem de Milton: o que é primeiro? O dar? Ou o receber?

- será que é amar muito que desencadeia o perdão ?

- será que é por ser-se perdoado que se celebra a vida com amor?

Simão é levado a perdoar a mulher e a desejar ser perdoado. Há consequência ao nível dos Valores – substituição da prioridade das regras acerca de dinheiro pela prioridade do Amor. Em termos de re-entrada do “estímulo” – substitui-se igualmente o valor Pureza ritual pelo Valor do Amor.

¹³ Placating – estilo de comunicação que evita o conflito e procura agradar por se preocupar prioritariamente com o estado emocional do outro, ou com o modo como os outros o aceitam.

¹⁴ Leveler – estilo de comunicação centrada e assertiva em que palavras, emoções e expressões corporais estão alinhados. A intenção deste estilo é a satisfação conjunta de objectivos.

6. Efeito na mulher. Ser vista como pessoa completa, e como mulher, retirou-a do medo criado pela exclusão e pela separação entre as categorias do masculino e do feminino:

-Vês esta mulher? – palavras dirigidas não só a Simão, mas a todo o grupo de homens que a evitavam e excluía da sua presença.

Surge ao final desta passagem mais interessante padrão da Linguagem de Milton, o padrão de ambiguidade presente na ambiguidade do termo grego – Fé/Crédito¹⁵, que faz re-entrar o estímulo da rede metafórica da Parábola, reforçando a crença no ter sido salva/resgatada do espaço de desconfiança, podendo viver como pessoa que merece crédito e que confia.

- os teus pecados estão perdoados – é ouvido como: tu mereces acertar na tua vida

7. Efeitos sobre ambos. Através de um padrão linguístico de causa-efeito (Linguagem de Milton) obtém-se um novo horizonte mental em que se anula a ligação anterior de causa-efeito nos processos de busca do amor. O objectivo transformador produzido na segunda declaração de perdão conduz à crença na abundância do que posso receber e do que posso dar, estando em Amor.

– Mudança de crença quanto à função do Crítico Interior – o modo Leveler das Categorias de Satir na linguagem de Jesus descreve e compara sem condenar ou apontar pessoalmente.

8. Quanto aos restantes convivas. Pode dizer-se que entram em “estado de confusão” – primeiro passo em direcção à mudança.

¹⁵ O termo grego Πιστις que está no campo semântico de ‘confiança no outro’, ‘confiar em’, pode ter aplicação no contexto económico significando ‘crédito’.

A segunda Parábola surge em Lucas 10:25-37

Irei utilizar a designação de Metáfora do Próximo para me referir à denominada Parábola do Bom Samaritano, como designação mais descritiva e centrada.

Intervenientes neste contexto:

1. Doutor da Lei. Considerado em pureza como condição desde nascença; seria membro do Sinédrio de Jerusalém, advogado casuístico, professor, conhecedor profundo da Torá, poderia pertencer a família da nobreza, em que a importância pessoal é dada pela tradição e pela ordem social – verdadeiro Israel sem mistura. Comprometido com o poder dominante romano. Cuidador da correcta interpretação da Lei, preocupado em ser justo.

Estado Actual (E.A.) – Medo – de perder algo; de não estar a fazer bem; da impureza; de ser desvalorizado, de ser excluído - medo da morte. Intransigência - como crítico inquisidor e subordinado às hierarquias. Está no lugar do “efeito”¹⁶ e, portanto, sente-se “vítima”.

Estado Desejado (E.D.) – Vida Eterna/Salvação – o que corresponde ao desejo de estar seguro; de saber em quem confiar; e que os outros possam confiar nele. Jesus representa-o Metaforicamente pelo personagem “um certo homem”, personagem principal da metáfora.

2. Outros Elementos da Metáfora. Caracterização dos outros Personagens e elementos da metáfora:

A - Grupo integrado no Israel da Pureza e do Zelo:

Sacerdote: alto funcionário do Templo de Jerusalém, descendente de Aarão – vai a Jerusalém 15 dias por ano

Levita: descendente de Sacerdotes – músico, acólito ou porteiro do Templo

¹⁶ Lugar do Efeito – situação face aos acontecimentos em que o sujeito se sente alvo das intenções externas.

B – Samaritano – impuro por nascença, mestiço, equiparado a pagão, mesmo respeitando a Torá, possivelmente vendedor ambulante. Os samaritanos circulavam na zona costeira, mas podiam cruzar-se com a estrada da Galileia para fazerem negócio em Jericó.

C – Ladrões – grupos que circulariam nas imediações de Jerusalém - no tempo de Jesus tinham sido dispensados 40.000 trabalhadores do Templo.

D – Elementos Espaciais:

- Cidades: a elevada – Jerusalém, cidade Santa, do Templo; a do vale – Jericó, cidade do quotidiano.

- Estrada de Samaria – liga o litoral com o interior; cruza a estrada entre o monte e o vale.

3. Núcleo Emocional da Metáfora. Estar numa encruzilhada entre a vida e a morte; ter expectativa de auxílio que vem de cima, do alto, do Poder; estar entre a Pureza e a Impureza. Estes três tópicos estão em similitude com a localização geográfica escolhida para a Metáfora.

4. Categorias de Satir que acompanham o evoluir emocional:

Doutor da Lei – começa com Blamer – provocação: “saberás que eu cumpro escrupulosamente?” E passa a Blamer com Distractor¹⁷ – “E tu? Que sabes? Que fazes?”

Jesus – Leveler com Placater – “Como lê?... coloca o Doutor no lugar de ‘causa’ com o pressuposto: tu sabes ler; oferece-lhe uma primazia na resposta; conforta-o na sua insegurança...”

No início da Metáfora, para descrever a atitude emocional/mental de Jesus, verifica-se que para o termo traduzido como ‘responder’, se usa especificamente um verbo grego¹⁸ que também pode significar ‘segurar por

¹⁷ Distractor – estilo de comunicação que usa a linguagem para retirar a atenção da linha do diálogo criando outros focos, com o objectivo de desviar-se de um tópico incómodo.

¹⁸ Trata-se do verbo υπολαμβάνω que é aqui usado excepcionalmente neste contexto de dar uma resposta e que significa literalmente, ‘colocar as mãos por baixo’.

baixo’, ‘levar às costas’, mas também ‘acolher’, ‘surpreender’, ‘atrair furtivamente’ (e não é isso que a metáfora de facto propicia?)

Podemos aqui perceber Jesus na atitude terapêutica de Rapport, correspondendo à insegurança deste interlocutor, e à sua necessidade emocional.

5. Efeito no Doutor da Lei

1ª etapa – Pergunta – quem já sabe. Ou Pergunta – quem quer saber? Ainda não se entrou na história metafórica e o Doutor da Lei já recebeu uma primeira estabilização emocional ao ser colocado no lugar da ‘causa’¹⁹, e elogiado por saber e por saber ler.

2ª. etapa com a Metáfora Terapêutica propriamente dita: confronto do sujeito com o isomorfismo entre a estrutura da história e a estrutura da sua situação. Descer de Jerusalém para Jericó – este era o seu percurso usual naqueles 15 dias do ano - equivale a deixar a cidade Santa / vida eterna, e descer à cidade prosaica do quotidiano, da contaminação.

128

Ao aceitar entrar na história é levado a identificar-se com o personagem e revive os seus medos:

- estará seguro ao sair do registo do “sagrado”? Ao sair do registo do Poder? Poder religioso e financeiro?

- há uma queda, haverá salvação? – medo de falhar.

- medo de se expor – o homem foi despido

- medo de ser excluído – o homem foi espancado e abandonado

- medo da morte/medo da impureza – o homem foi deixado entre a vida e a morte não podendo ser tocado de modo seguro por qualquer passante.

– tem tido a expectativa incerta de ser apoiado pelos seus próximos, especificamente os seus superiores, expectativa mais viável nestes 15 dias do

¹⁹ Lugar da Causa refere a atitude com que se experimenta os acontecimentos como oportunidades para agir e dirigir o passo seguinte.

ano do que noutra ocasião... será justificável manter unicamente essa expectativa?

- medo da desvalorização pelos superiores, pelos “seus” – para o Sacerdote e para o Levita ele é um impuro (quase morto, ou morto...) - leva-o à experiência do paradoxo – o Puro quer preservar-se em pureza, mas não pode proceder de modo a voltar ao estado de pureza e é agora o impuro/só o Impuro se pode aproximar do impuro e o Puro por nascença passa a impuro sem poder para reverter essa situação .

E esse acontecimento dá-se num espaço simbólico – o cruzamento entre a linha que une o alto com o baixo e a linha que a cruza do exterior ao interior. É este o ponto em que se encontra a Pureza com a Impureza/os sempre Puros com os sempre Impuros. O personagem já se encontra nesse paradoxo – o paradoxo anula a diferenciação entre as categorias de puro e impuro ao significar a vida do homem ferido.

Este é o ponto geográfico da salvação emocional do homem da história terapêutica.

O Doutor da Lei, ao aceitar esta identificação, aceita a anulação de prioridades e valores que têm estruturado a sua prática de piedade religiosa. Tendo aceitado o paralelismo emocional que inicia a história, reconhece o valor prioritário da Vida, sobre a polémica acerca da Vida Eterna.

Este processo de cura altera as crenças acerca do ser-se próximo. Implica uma alteração das crenças acerca da determinação formalista das castas sociais e da posição ritualizada de cada um nessa escala. Há a descoberta de uma determinação existencial do acto de fazer-se próximo.

Na segmentação de castas ou classes existia uma definição de “próximo” e de quem podia ritualisticamente fazer-se próximo. Sucede com o Doutor da Lei ter de admitir o próximo como elo de Confiança e Aceitação da Vida. E isto traduz-se numa nova base para apoiar a sua Validação Pessoal e a Validação do Outro. Ele herda, assim, a sua vida eterna.

O E.D. (estado desejado) do Doutor da Lei fica clarificado. A referência à Vida Eterna ocultava/apontava para o núcleo do seu conflito pessoal, no seu desejo de ter segurança, saber em quem confiar assim como ser confiável – isso significava para ele a Vida.

Jesus dialogava como terapeuta de forma muito arguta e direccionada à situação complexa do interlocutor concreto. As metáforas iam directamente ao núcleo de sofrimento emocional, de forma a propiciar mudança de crenças e reorientação de valores. Mais do que um Rabi a apresentar conhecimento, era um praticante de uma Verdade transformadora que faz regressar à Vida. Através de metáforas terapêuticas o caminho de regresso faz-se por uma re-estruturação psíquica com reflexos directos nos Valores, Identidade e Comportamento, tendo a base na neurologia.

Nesta constatação encontro a confluência entre as duas formas de actuação de Jesus. A comunicação profunda, linguagem que reúne níveis conscientes e inconscientes, surge assim como um meio para recolocar os seus interlocutores num caminho de crescimento humano na acção e nos valores, verdadeiro milagre da aproximação ao verdadeiro caminho.

Conclusão

Termino com uma salvaguarda acerca do âmbito deste trabalho. Considero que toda a cura corresponde a uma metanóia, sendo o percurso dessa metanóia potencialmente mais compreensível num processo de Metáfora Terapêutica. Assim sendo, considero válido todo o contributo que nos permita estabelecer pontes de acesso ao fenómeno de cura, do modo que ele é acessível para nós presentemente. Como para a PNL o acesso a novas técnicas é possível através do processo de modelagem, é para mim significativo que o Modelo a modelar seja Significante.

Compreendo que o que conseguimos ver é o que pode ser identificado pelos nossos instrumentos de análise. Compreendo igualmente que este trabalho se foca num dos níveis da intervenção de Jesus, havendo sempre em consideração a existência de outras dimensões. Contudo, apesar das limitações, as expectativas no contributo deste estudo correspondem a minha intenção de contribuir.

Fontes consultadas:

“Explorando Mente e Cérebro” – III – Dinâmica neo-cortical da metáfora, por Mark Furman e Maryann Reese

“Therapeutic Metaphors”, David Gordon

“A Bíblia” – trad. Frederico Lourenço

“Jesus e as Estruturas do seu tempo”, Émile Morin

Novo Testamento no Códice Grego
<https://talkingreek.wordpress.com/2017/05/22/novo-testamento-em-grego-on-line/>

Susana de Sousa Vilas Boas, O Amor que Salva - Uma Leitura de Lc 7:36-50. Mestrado em Teologia da Universidade Católica Portuguesa.